

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC
CAMPUS DE BAURU

**Entre Quatro Paredes – Histórias da violência praticada dentro
de casa**

Ana Carolina Lorencetti Chica

BAURU - SP
2011

ANA CAROLINA LORENCETTI CHICA

**ENTRE QUATRO PAREDES – Histórias da violência praticada
dentro de casa**

Projeto Experimental de Pesquisa apresentado pela discente Ana Carolina Lorencetti Chica, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

BAURU - SP
2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC
CAMPUS DE BAURU

Projeto Experimental de Pesquisa apresentado pela discente Ana Carolina Lorencetti Chica, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

Banca Examinadora

Membros: Profa. Dra. Roseane Andrelo
Prof. Dr. Ângelo Sottovia Aranha

Presidência e Orientação:

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

SUMÁRIO

1. Proposta	4
2. Justificativa	5
3. Objetivos	6
3.1. Objetivo geral.....	6
3.2. Objetivo específico.....	6
4. Fundamentação teórica	7
5. Metodologia	9
6. Gêneros jornalísticos	12
6.1. Entrevista.....	12
6.2. Perfil jornalístico	13
6.3. Estrutura narrativa.....	14
7. Dificuldades	15
Considerações Finais	17
Referências	18

1 PROPOSTA

O livro-reportagem “Entre Quatro Paredes – Histórias da Violência praticada dentro de casa” tem o objetivo de humanizar os dados relativos à violência doméstica contra a mulher a partir de relatos de mulheres vítimas desse tipo de violência.

A composição textual deste trabalho tem como base elementos do jornalismo literário e da produção de perfis jornalísticos, com o intuito de construir uma narrativa o mais fiel possível aos depoimentos colhidos durante a produção deste livro-reportagem.

2. JUSTIFICATIVA

A proposta deste Projeto Experimental de Conclusão de Curso partiu do interesse em humanizar os dados estatísticos de violência doméstica contra a mulher na cidade de Bauru – SP, por meio da elaboração de um livro-reportagem impresso com o relato de histórias e questões que circundam o tema, como o medo, pressões psicológicas, silêncio, dependência afetiva do agressor, tratamento dos traumas e motivação de denunciar.

A violência doméstica atinge todas as regiões do país e, segundo Zampieri *et al.* (2010) tem causas culturais, econômicas e sociais, aliados à pouca visibilidade, à ilegalidade e à impunidade.

Em pesquisa da Fundação Perseu Abramo e do SESC, foi constatado que, de 2.365 mulheres entrevistadas em todo o país, 40% afirmaram já terem sofrido algum tipo de violência, sendo 24% ameaça ou física, 24% por meio de controle/coerção, 23% psíquica ou verbal, 10% sexual e 7% por assédio. A maior parte das agressões vinha de pessoas próximas, como marido e namorado. Dos 1.181 homens entrevistados, 8% afirmaram ter agredido a esposa ou namorada, e 15% garantiram que praticariam novamente a violência.

Segundo a Delegacia da Mulher de Bauru, no ano de 2010 foram registrados 2.628 boletins de ocorrência relativos a tipos de violência contra a mulher – 38,9% de agressões do tipo lesão corporal, 19,5% de injúria, calúnia ou difamação e 41,5% do tipo ameaça. Em 2011, a DDM registrou uma média de 8 casos de denúncias de violência doméstica por dia, 1.837 apenas no primeiro semestre do ano.

A elaboração do livro-reportagem teve como período o segundo semestre de 2011 e a coleta de dados foi realizada a partir de entrevistas em profundidade com vítimas de violência por parte de seus companheiros, de modo a produzir um perfil sobre as histórias, trajetórias de vida e experiências vividas por essas mulheres. O tema tem relevância para a sociedade brasileira pela incidência em todas as regiões do país.

A violência doméstica contra a mulher gera debates em universidades e na sociedade em geral, com formação de Núcleos de Debate, como o Núcleo

de Estudos sobre Violência e Relações do Gênero, da Unesp de Marília, o Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, da Unicamp, o GEAVIDAS – Grupos de Estudos e Atenção à Violência Doméstica e Agressão Sexual, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP), o NEPEM – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher, da Universidade de Brasília e o NEIM, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, da UFBA.

Sobre o tema, há também a agência Patrícia Galvão, portal eletrônico com conteúdo e notícias voltadas para os direitos da mulher, e a ONU criou um site para discutir a Igualdade de Gêneros. Em Bauru, há o Conselho Municipal da Condição Feminina, que discute políticas públicas voltadas para a mulher. Em novembro de 2010 foi inaugurado o Centro de Referência de Atendimento à Mulher, que dá apoio psicológico e de assistência social a mulheres vítimas de violência doméstica e sexual. A cidade de Bauru conta com a Casa Abrigo, um refúgio para mulheres ameaçadas pelos companheiros.

Em 7 de agosto de 2006, foi sancionada a Lei Maria da Penha em todo o país, que criou mecanismos de proteção à mulher, como prisão preventiva do agressor, a proibição de que a mulher entregue a intimação a ele e a criação da medida protetiva.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Discutir o problema relativo à violência doméstica contra a mulher, a partir do relato das vítimas, por meio da linguagem jornalística. Contribuir para complementar a bibliografia sobre o tema.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compreender o problema da violência doméstica contra a mulher. Conhecer e divulgar as experiências vividas pelas mulheres quanto a esse tema, de modo a contribuir para o debate desse assunto e para a produção bibliográfica, a partir da produção do livro-reportagem. Aprimorar as práticas jornalísticas como a entrevista e a elaboração de um texto investigativo seguindo os moldes do jornalismo impresso.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A violência doméstica contra a mulher foi tema de inúmeras teses e livros. Ao debater esse assunto, deve-se considerar que o processo que difere esse tipo de violência dos demais é o fato de que o agressor está dentro no ambiente familiar, ou seja, é alguém com quem a vítima tem vínculos, relações afetivas e, muitas vezes, dependência financeira. Os filhos também pesam na decisão de denunciar o companheiro à polícia e, por isso, em grande parte dos casos, a mulher adia a decisão de punir o agressor, o que leva à omissão ao longo dos anos.

O sistema patriarcal produziu a ideia de submissão da mulher, que tinha a função de dedicar-se aos filhos e ao marido. Ao se casar, a mulher deixava de ser propriedade de seu pai para ser de seu esposo, com obrigações e deveres nítidos e enraizados na sociedade.

É importante destacar que a mulher, historicamente, tem sofrido vários tipos de violência, seja na família, pelo marido ou companheiro; na sociedade, na violação de seus direitos, na dupla carga de trabalho; na falta de respostas das políticas públicas de saúde e de qualidade para acompanhar a gestação, puerpério e climatério, entre outras. SILVEIRA *et al* (2010, p. 37).

Há que se discutir também o espaço que a mulher vítima de violência ocupa na sociedade. Para muitas, admitir que a violência está presente dentro de casa é uma tarefa difícil, como se a situação de agressões fosse falha da esposa/mãe, que agiu de modo a “merecer” a agressão. A mulher sente que irá destruir a unidade familiar caso denuncie o companheiro. Mesmo a entrada em uma delegacia da Mulher exige que a vítima supere seus próprios preconceitos para admitir que precisa de ajuda e que sozinha não vai conseguir superar os traumas que a violência traz.

Antes da Lei Maria da Penha, o ato de denunciar era ainda mais penoso: a própria mulher entregava a intimação ao companheiro e poderia retirar a queixa a qualquer momento. Não havia exigências de que o agressor frequentasse programas de reeducação e recuperação, tampouco a agressão era considerada um agravante de pena.

Algumas teorias circundam o assunto, entre elas a teoria do duplo vínculo ao contexto violento. Sluzki (1996 *apud* Silveira, 2010, p.39) conceitua a violência doméstica com a teoria do duplo vínculo ao contexto violento. Na primeira, a análise parte das relações entre as pessoas, dentro das famílias e da sociedade em geral, como também considera questões culturais para a existência da agressão. Sluzki apoia-se na ideia de contradição que alicerça a violência doméstica, já que os agentes que deviam proteger a mulher são os que consolidam a agressão.

Walker (1979 *apud* Silveira, 2010, p. 40) propõe a existência de um ciclo de violência, que consiste na construção da tensão, tensão máxima e lua de mel. Na primeira etapa, a violência começa e aumenta gradualmente, com tentativas de ambas as partes de explicar as situações e considerando-as “incidentes”. Na segunda etapa, o descontrole toma conta do relacionamento e, na terceira, o comportamento do agressor muda, com a crença de que a violência não irá se repetir.

A violência doméstica seria uma combinação dessas teorias e por esse motivo o tema decorre de múltiplas causas, que devem ser consideradas no momento de redação dos perfis. No entanto, há outros aspectos quando se trata desse assunto, ligados à educação e à cultura machista.

Para Rothman e colaboradores (2003), as causas da violência de homens contra as suas companheiras permanecem parcialmente desconhecidas, sendo que duas teorias têm influenciado a maioria das pesquisas etiológicas sobre a temática: a teoria do aprendizado social e a teoria feminista. A primeira defende a ideia da transmissão da violência de uma geração para a outra, enquanto a segunda coloca a questão de poder e dominação masculina sobre as mulheres no centro do debate. (ROTHMAN, 2003 *apud* LIMA et al., 2008, p. 9)

A violência doméstica está associada ao sentimento de posse sobre uma pessoa, principalmente se vier acompanhada do ciúme e de comportamentos obsessivos. Em pesquisa realizada com 30 casais com histórico de agressões, Deeke *et all* (2009) selecionou algumas causas mais recorrentes de brigas que culminam em violência. Segundo a pesquisa, o ciúme, o fato de ser contrariado, a ingestão de álcool e a traição foram as principais justificativas para as brigas terminarem em agressões físicas e verbais.

Os motivos que teoricamente provocam a violência não justificam a ação em si. Um comportamento agressivo leva à percepção de que qualquer atitude uma razão pode justificar a prática da violência. Não se pretende neste trabalho empregar juízos de valor ao envolvidos, de modo a condenar os agressores, visto que a atitude violenta pode ser superada com tratamento psicológico e vontade de mudança no comportamento.

5 METODOLOGIA

A escolha pela realização de entrevistas para elaboração do livro-reportagem partiu da necessidade em se conseguir a maior fidelidade e riqueza de informações para a elaboração dos perfis. De maneira semelhante, deu-se a escolha pela gravação das entrevistas.

A gravação possibilita o registro literal e integral. Apesar de certa discussão, a experiência indica que não afeta o estudo e oferece maior segurança à fonte. (...) Embora possa eventualmente levar à desconfiança ou ser inibidor nas primeiras perguntas, em geral a fonte rapidamente responde com naturalidade. (DUARTE, 2009, p. 76)

Além disso, as entrevistas vão seguir um roteiro de perguntas para conduzir o diálogo, como discute Duarte (2009), sendo que cada questão será aprofundada de maneira a perceber as características e peculiaridades que diferem as fontes. As conversas serão transcritas para que nenhuma informação se perca e o nome das entrevistadas será mantido em sigilo, para evitar a exposição das vítimas e preservar a família e a vida íntima das fontes. De acordo com a classificação de Duarte (2009), as entrevistas terão a função de atuar como uma pesquisa qualitativa, semi-aberta (pois vai apresentar um roteiro de perguntas), com abordagem em profundidade e respostas indeterminadas, já que as fontes não terão alternativas para responder às questões. O roteiro será usado como base de apoio para o momento das conversas, sendo que as questões podem mudar de acordo com a necessidade e o conteúdo exposto pela fonte.

O método do texto se aproxima do biográfico, a partir de perfis, que consistem em “exercício de sensibilidade, percepção e estilo” (VILAS BOAS,

2003, *apud* GOBBI, 2009, p. 86), de modo a tentar descobrir as histórias decorrentes da violência que vem de dentro de casa. De acordo com Barros; Junqueira (2009), os fatos só existem a partir da observação e a presença do observador produz mudanças no cenário. Por se tratarem de recordações, as informações das fontes podem não ser exatas, mas a necessidade da pesquisa é qualitativa, baseada na tentativa de compreensão da violência doméstica por meio das histórias relatadas, dos anos de silêncio vividos pela vítima e da iniciativa de denúncia do agressor, e não dos dados quantitativos expostos durante as entrevistas.

O livro-reportagem deve reunir dez perfis sobre as mulheres vítimas de violência doméstica, sem tamanho fixo para cada texto, que terá a dimensão necessária para expor, de maneira eficaz, a história e as características da vida dessas mulheres. Não se optou por ouvir mais mulheres porque os padrões das histórias poderiam se repetir, o que faria com que a leitura ficasse cansativa e não mais se somasse para a compreensão do tema.

Os textos foram escritos no estilo do jornalismo literário, que segundo Pena (2006) apresenta algumas características semelhantes às do jornalismo diário, como a abordagem ética, a observação atenta e a capacidade de se expressar claramente. De acordo com o pesquisador, o que difere as duas vertentes é o fato de que o jornalismo literário não é periódico e não tem como alvo a atualidade, priorizando uma visão ampla da realidade. Além disso, Pena (2006) explica que o jornalismo literário contextualiza a informação da forma mais abrangente possível, de maneira que sua abordagem contribui para a formação do cidadão, para o bem comum e para a solidariedade, além de romper com os padrões do lide e utilizar como fontes os cidadãos comuns, com pontos de vistas que ainda não foram abordados. O autor acredita que um livro com essa linguagem é permanente, não perde a atualidade.

Os conceitos expostos pelo autor se assemelham à proposta deste projeto, uma vez que terá como base a abordagem ética e a observação atenta, mas de maneira a proporcionar uma visão ampla sobre a complexa questão que envolve as relações quando há a prática da violência, sem perder a atualidade e, por isso, poderá servir para pesquisas sobre o assunto e como fonte de conhecimento para quem se interessar pelo tema. O jornalismo literário proporciona maior liberdade a quem escreve, por não ser necessário estipular

o tamanho do texto e nem definir as informações mais relevantes, pois todas são essenciais para a produção dos perfis e para a compreensão da personalidade de cada pessoa.

A própria escolha pelo formato de livro-reportagem baseia-se na intenção de elaborar uma narrativa que fuja da efemeridade da notícia jornalística, com textos que tragam histórias de vida que ultrapassem os limites do tempo e componham um relato semelhante ao que propõe Lima (1995, p.29):

Entendendo a reportagem como a ampliação da notícia, a horizontalização do relato – no sentido da abordagem extensiva em termos de detalhes – e também sua verticalização – no sentido de aprofundamento da questão em foco, em busca de suas raízes, suas implicações, seus desdobramentos possíveis - , o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. (LIMA, 1995, p. 29)

Outros conceitos do autor foram também considerados, entre eles o conteúdo, a linguagem e a função. As histórias são baseadas em relatos reais, com exatidão de informação e abordagem de um tema relevante e universal, que acontece em várias sociedades mundo afora. A superficialidade com que a mídia retrata essa questão contribui para uma desinformação do público, visto que as mulheres entrevistadas afirmaram conhecer a existência da Lei Maria da Penha, sancionada em 7 de agosto de 2006, mas não sabiam quais direitos elas passaram a ter com a medida. Questões como a guarda dos filhos, pensão alimentícia e divórcio são interrogações na mente da maioria das mulheres, que não sabem como proceder perante a Lei e se isolam no silêncio.

Cabe à mídia muito mais do que mostrar dados e pesquisas acerca da violência doméstica: é importante que o público feminino conheça o que na prática significa uma lei de proteção à mulher e quais serviços públicos e gratuitos lhes são oferecidos para ajudar a superar questões, tanto de ordem financeira quanto de caráter psicológico.

A classificação do livro-reportagem segue uma das enumeradas por Lima (1995,p.45), que destaca a existência de livros-reportagens perfil. Estes retratam o lado humano de pessoas anônimas, que ao mesmo tempo remetem a um grupo social específico.

6. Gêneros jornalísticos

6.1. Entrevista

De acordo com Medina (2002, p. 9), a entrevista caracteriza-se por “uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais”.

A base para a produção deste livro-reportagem foi a realização de entrevistas com as mulheres vítimas de violência doméstica, para compreender seus conceitos e experiências de vida. As conversas se assemelham ao que a autora propõe na classificação de entrevista-diálogo.

(...) este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema”.
(MEDINA, 2002, p. 15)

A tarefa de compreender e escrever sobre a vida de uma pessoa não é fácil, ainda mais por se tratar de um tema tão delicado como o da violência doméstica. Apesar de as entrevistas basearem-se no depoimento de um lado da história, o das mulheres, houve uma busca pela não vitimização da mulher. As perguntas se basearam na tentativa de compreender a reação dessas pessoas em relação às agressões sofridas – muitas vezes, essa violência é recíproca no relacionamento. Entretanto, o foco deste livro na violência doméstica sofrida pela mulher justifica-se pelos dados alarmantes obtidos em todo o país, enquanto a violência praticada somente por mulheres contra homens acontece em menor quantidade.

Apesar da elaboração de questões antes das entrevistas, cada diálogo seguiu um ritmo próprio, de acordo com as revelações feitas pelas fontes. As perguntas se adaptaram às necessidades do momento, na tentativa de conduzir o diálogo de modo natural e sem forçar a mulher a contar sobre os momentos traumáticos. Em nenhum momento as perguntas foram feitas pensando-se em detalhes das agressões vividas, uma vez que esse não é o foco do trabalho. As entrevistas foram realizadas para colher dados e

reproduzir trechos das vidas dessas mulheres de maneira a compreender as relações e a complexidade que envolve o tema.

Vale ressaltar que todas as mulheres ouvidas assinaram um termo de consentimento para concessão de entrevistas, que explica em detalhes as finalidades, objetivos e meios de divulgação das histórias de vida. Todos os nomes das entrevistadas foram trocados para preservar as fontes de uma exposição indevida.

6.2. Perfil jornalístico

O formato do texto se assemelha ao *perfil humanizado*, como propõe Cremilda Medina.

Ao contrário da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para “condenar” a pessoa (que estaria pré-condenada) ou para glamorizá-la sensacionalisticamente. Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para *compreender* seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida. (MEDINA, 2002, p. 18).

A escolha por textos do tipo perfil justifica-se pelo fato de o livro-reportagem tratar de histórias de vida, biografias, como discute Sergio Vilas Boas (2003). Segundo o autor (p.14, 2003), a construção de um perfil cumpre o papel de compartilhar as emoções vividas pelo interlocutor – alegrias e tristezas, de modo a imaginar as situações a partir do que o personagem relatou.

A redação dos perfis não busca definir traços de personalidade do entrevistado, mas sim tentar reproduzir o momento da entrevista e as reações dele durante a conversa.

Mesmo sem treinamento profissional para interpretar manifestações de caráter e temperamento, não surpreende que os bons textos jornalísticos do passado trouxessem também elementos de comunicação não verbal. Por meio dela, pode-se compor um conjunto de pistas ao leitor para que ele tire suas próprias conclusões sobre o personagem. (VILAS BOAS, 2003, p. 29).

A redação dos perfis baseou-se no objetivo de retratar os comportamentos e experiências de mulheres em situação de violência, o que pode ser

classificado, de acordo com Muniz; Ferrari (1986, p. 134), por “personagens – indivíduo”: “Neste tipo de perfil, o retrato é mais psicológico do que referencial – o interesse recai sobre a atitude do entrevistado diante da vida, seu comportamento, a peculiaridade de seu modo de atuação”.

6.3. Estrutura narrativa

Nos textos, buscou-se a valorização de elementos que remetem à visão, à audição e à imaginação dos leitores. A descrição das entrevistadas e das cenas deu-se com a intenção de fazer com que o leitor reviva, em sua mente, os fatos relatados durante a entrevista. Muniz & Ferrari (1986, p. 68) assim definem as funções dos tipos de abertura para um texto: realçar a audição, a visão, a imaginação e a pessoa.

Para priorizar a audição, optou-se por colocar trechos das falas das entrevistadas e dos profissionais ouvidos durante a produção do livro. Já a tentativa de priorizar a visão deu-se em trechos narrativos, como “Miriam deu um beijo na neta de um ano e meio, que estava no colo da outra avó. O olhar fixo na criança pareceu se despedir, com tristeza, da menina de olhos azuis, cabelos loiros e cacheados que não parava quieta”.

O realce da imaginação pode ser percebido em trechos comparativos, como o início do perfil de Regina (o nome foi trocado para preservar a identidade da entrevistada):

As principais recordações que Regina tem da infância não são das melhores. Quando o pai chegava bêbado em casa, se escondia, sabia o que estava por vir. Cresceu vendo a mãe apanhar dele; cresceu apanhando dele também. Quando o marido de Regina chegava em casa, bêbado, os seis filhos tinham certeza do que iria acontecer. Viam o pai surrar a mãe; apanhavam às vezes, nos dias em que a violência do homem não era descontada somente em cima de Regina. (CHICA, 2011).

A narrativa de histórias pessoais caracteriza o realce à pessoa, como descrevem Sodre&Ferrari (1986, p.72): “contar a história pessoal, colocando-se em causa ou pondo em cena o leitor”, como no trecho: “Os olhos esverdeados e aflitos de mãe estavam cheios de lágrimas quando viram pela janela o filho ir

embora, sem amparo, sem apoio. O que você faria? Simone optou por anular-se.”.

As reportagens buscam, assim como definem os autores (1986,p. 15), quatro itens básicos: a predominância da forma narrativa, a humanização do relato, a natureza impressionista (que aproxime leitor e fato) e a objetividade. Mesmo ao descrever as cenas e as entrevistadas, o elemento principal de cada texto é a situação de violência vivida, e as marcas que essas experiências deixaram nas entrevistadas.

A opção por não usar fotos nos perfis deu-se para preservar as fontes, uma vez que estas optaram pelo anonimato no momento de conceder a entrevista. A esse fato somou-se a situação de que muitas ainda têm medo de seus ex-companheiros e a exposição da imagem por meio do livro poderia prejudicá-las. Cogitou-se a possibilidade de usar figuras para ilustrar os perfis, mas elas nada acrescentariam aos relatos. A importância das histórias reais consiste em mostrar à sociedade a situação das mulheres vítimas de violência doméstica tomando a história de vida delas como exemplo, e não em expô-las de maneira individual.

7. DIFICULDADES

As dificuldades iniciais basearam-se nos primeiros contatos com as mulheres, pois não se sabia ao certo o quanto elas iriam contar de suas experiências de vida. O próprio ato de entrar em uma Delegacia da Mulher exigiu uma superação pessoal, pela exclusividade da experiência e pela necessidade de livrar-se de todos os pré-julgamentos formulados sobre esse assunto. O desejo foi o de não retratar as mulheres como meras vítimas, mas sim conferir a elas dignidade e exatidão nos textos escritos sobre suas vidas.

As visitas ao Centro de Referência e à Delegacia da Mulher mudaram tanto minha atitude pessoal quanto o modo de enxergar essa questão. A vontade de juntar as peças das vidas dessas mulheres e conhecer as histórias que tinham para contar ficou mais forte a partir do contato direto com elas. Questões que nunca haviam ocorrido passaram a ser consideradas no momento das entrevistas, entre elas a necessidade das mulheres reviverem um assunto delicado para colaborarem com este livro. As relações familiares e os

sentimentos que as entrevistadas nutrem por seus companheiros ou ex-companheiros chamou a atenção. Muitas diziam não sentir mágoa ou raiva de seus agressores, mas sim pena e compaixão.

Outra dificuldade baseou-se na tentativa de não julgar as atitudes dessas mulheres, mesmo quando as questões envolviam seus filhos, na maior parte crianças. O chamado “extinto materno” foi outro ponto de destaque por parte de algumas mulheres ouvidas, dado que muitas delas só decidiram denunciar ou terminar com o relacionamento quando a violência passou a ser praticada também contra seus filhos. O desejo de proteção e cuidado das crianças era muito forte em algumas mulheres, sentimento que não estava presente quando elas falavam de si mesmas.

A associação entre drogas e violência foi um motivo de dúvida durante o trabalho, já que muitas responsabilizavam o álcool e o crack pelo comportamento agressivo dos companheiros. Para sanar essa questão, optou-se pela entrevista com a psicóloga Cláudia Zanandrea, pela experiência em lidar com o assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A impressão, ao analisar o produto final, o livro-reportagem “Entre quatro paredes – Histórias da violência praticada dentro de casa”, é de que o objetivo principal deste produto foi atingido, por expor as questões que envolvem a violência doméstica sem excluir doses de sensibilidade porque, afinal, se tratam de histórias reais, ocorridas dentro de lares brasileiros.

A curiosidade e a falta de compreensão sobre as causas desse tipo de violência motivaram a produção do livro e, depois das entrevistas com vítimas de agressões e profissionais que tratam do tema, pode-se concluir que essa questão está ligada não só aos impulsos de cada um, mas a uma relação de posse sobre o outro – no caso, sobre a mulher e também sobre os filhos. As dependências psicológica e financeira ajudam a compor a atitude das mulheres face à violência doméstica, causas que reforçam o silêncio e a falta do desejo de punição aos agressores.

Há na sociedade uma tendência a julgar mulheres que não denunciam seus agressores, com preconceitos do tipo “mulher gosta de apanhar” ou “se não gostasse já teria denunciado”. Essas ideias ajudam apenas a reforçar a vergonha e o silêncio das vítimas, que muitas vezes não querem expor a situação que acontece no âmbito mais íntimo – dentro do lar. Tomar a decisão de iniciar um processo criminal contra o marido não é fácil, principalmente quando se leva em consideração que a mulher nutre um sentimento de amor pelo companheiro e pai de seus filhos.

A superação e a vontade de recomeçar a vida foi uma marca de algumas das histórias, e a expectativa é de que elas sirvam de motivação para que muitas mulheres vítimas de violência e que tenham contato com este livro tomem a iniciativa de colocar um ponto final na situação de violência e, enfim, partam para uma nova história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Antonio Teixeira de; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A elaboração do projeto de pesquisa. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª edição São Paulo: Atlas, 2009. Cap. 2, p. 32-50.

BOAS, Sergio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006. 208 p.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª edição São Paulo: Atlas, 2009. Cap. 4, p. 62-83.

FIOCHI, Ana Laura. **Um Outro Lado da Paixão: mulheres e relações violentas**. 2005. 215 f. Projeto Experimental (Bacharel) - Departamento de Comunicação Social, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, 2005.

FONSECA ZAMPIERI. **A Terapia Familiar na Construção da Paz e da Não Violência**. São Paulo. 2010. Cap. II, p. 35-53.

GOBBI, Maria Cristina. Método Biográfico. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª edição São Paulo: Atlas, 2009. Cap. 5, p. 84-97.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. São Paulo: Record, 2001. 189 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. Fronteiras ampliadas de um território em conformação. In: LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**. 2ª edição Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995. Cap. 12, p. 15-125.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002. 96 p.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006. 142 p.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986. 141 p.

STUMPF, Ida Regina C.. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 51-61.

ZAMPIERI, Ana Maria Fonseca *et al.* (Org.). Violência contra mulheres. In: ANA MARIA FONSECA ZAMPIERI. **Projeto Prevenir é poder: A Terapia Familiar na Construção da Paz e da Não Violência**. São Paulo. 2010. Cap. 2, p. 35-53.

Documentos em meio eletrônico

AGÊNCIA CNJ. **Iriny Lopes e Eliana Calmon assinam acordo de cooperação técnica para agilizar processos de crimes contra mulheres**. Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2186:14102011-iriny-lopes-e-eliana-calmon-assinam-acordo-de-cooperacao-tecnica-para-agilizar-processos-de-crimes-contra-mulheres&catid=43:noticias>. Acesso em: 24 out. 2011.

AGÊNCIA ESTADO. **Agressor pode perder direito à suspensão de processo.** Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,agressor-pode-perder-direito-a-suspensao-de-processo,711661,0.htm>>. Acesso em: 24 out. 2011.

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. **Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra a Mulher – SPM, 2007.** Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=77:pacto-nacional-pelo-enfrentamento-a-violencia-contra-a-mulher-spm-2007&catid=30:docs-basicos>. Acesso em: 24 out. 2011.

AGÊNCIA SENADO. **Secretárias de Políticas para as Mulheres pedem mais recursos contra violência doméstica.** Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2168:05102011-secretarias-de-politicas-para-as-mulheres-pedem-mais-recursos-contra-violencia-domestica&catid=43:noticias>. Acesso em: 24 out. 2011.

ANUÁRIO DAS MULHERES BRASILEIRAS. **Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos.** Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/cotidiano/2011/08/08/anuario_das_mulheres.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2011.

BAND (Brasil). **Canal Livre discute os cinco anos de lei Maria da Penha – Parte 1.** Vídeo. Disponível em: <<http://www.band.com.br/noticias/brasil/noticia/?id=100000458383>>. Acesso em: 24 out. 2011.

BAND (Brasil). **Canal Livre discute os cinco anos de lei Maria da Penha – Parte 2.** Vídeo. Disponível em: <<http://videos.band.com.br/Exibir/Canal-Livre-discute-os-cinco-anos-de-lei-Maria-da-Penha--Pa/2c9f94b432a1817c0132a5e8f44d01cb?channel=626>>. Acesso em: 24 out. 2011.

BAND (Brasil). **Canal Livre discute os cinco anos de lei Maria da Penha – Parte 3.** Vídeo. Disponível em: <<http://videos.band.com.br/Exibir/Canal-Livre-discute-os-cinco-anos-de-lei-Maria-da-Penha--Pa/2c9f94b5327364de0132a5a4538c2a31?channel=626>>. Acesso em: 24 out. 2011.

BAND (Brasil). **Canal Livre discute os cinco anos de lei Maria da Penha – Parte 4.** Vídeo. Disponível em: <<http://videos.band.com.br/Exibir/Canal-Livre-discute-os-cinco-anos-de-lei-Maria-da-Penha--Pa/2c9f94b5327364de0132a5a7b1462a3a?channel=626>>. Acesso em: 24 out. 2011.

BRASIL. Amperj. Amperj Legislação (Org.). **Código Penal Brasileiro.** DECRETO-LEI N.º 2.848, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1940. Disponível em: <http://www.amperj.org.br/store/legislacao/codigos/cp_DL2848.pdf>. Acesso em: 19 set. 2011.

BRASIL. Presidência da República. **LEI Nº 11.340:** Lei Maria da Penha. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/11340.htm>. Acesso em: 10 out. 2011.

DADOS mostram que Lei Maria da Penha é um avanço, mas ainda há muito o que melhorar. **Agência Patrícia Galvão.** São Paulo, mar. 2011. Disponível em http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1507&catid=43. Acesso em 27 mar. 2011.

DEEKE, Leila Platt et al. A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos a mulher agredida e de seu parceiro. **Saúde soc.**, São Paulo, v.18, n.2, jun. 2009. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902009000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 27 mar. 2011.

ESTADÃO. **CNJ afasta juiz que classificava Lei Maria da Penha como 'monstrengo tinho**so'. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,cnj-afasta-juiz-que-classificava-lei-maria-da-penha-como-monstrengo-tinho,637391,0.htm>>. Acesso em: 24 out. 2011.

ESTADÃO. **Ministro do Supremo reabilita juiz que chamou Lei Maria da Penha de "diabólica"**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,ministro-do-supremo-reabilita-juiz-que-chamou-lei-maria-da-penha-de-diabolica,683833,0.htm>>. Acesso em: 24 out. 2011.

ESTADÃO. **STJ: Lei Maria da Penha também vale para namoro**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,stj-lei-maria-da-penha-tambem-vale-para-namoro,347895,0.htm>>. Acesso em: 24 out. 2011.

FOLHA.COM. **28% das mulheres assassinadas no país morrem em casa**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/956164-28-das-mulheres-assassinadas-no-pais-morrem-em-casa.shtml>>. Acesso em: 01 nov.. 2011.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO E SESC (Brasil). **Mulheres brasileiras e gênero no espaço público e privado**. Disponível em: <<http://www.fpabramo.org.br/sites/default/files/pesquisaintegra.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2010.

LIMA, Daniel Costa et al. Homens, gênero e violência contra a mulher. **Saúde soc.**, São Paulo, v.17, n.2, jun. 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 27 mar. 2011.

MOREIRA, Marli. **Número de divórcios mais do que dobra em São Paulo em 2010**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-02-02/numero-de-divorcios-mais-do-que-dobra-em-sao-paulo-em-2010>>. Acesso em: 02 out. 2011.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL (Brasil). **Justiça ainda está fora do alcance de milhões de mulheres, declara ONU Mulheres**. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/justica-ainda-esta-fora-do-alcance-de-milhoes-de-mulheres-declara-onu-mulheres/>>. Acesso em: 24 out. 2011.

NUBLAT, Johanna. **Comissão da Câmara aprova inclusão de namoradas na Lei Maria da Penha**. Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/845900-comissao-da-camara-aprova-inclusao-de-namoradas-na-lei-maria-da-penha.shtml>>. Acesso em: 22 out. 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **ONU Mulheres**. Disponível em: <<http://www.unifem.org.br/>>. Acesso em: 04 jun. 2011.

PENA, Felipe. **O jornalismo Literário como gênero e conceito**. Disponível em: <<http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2011.

PORTAL R7. **Mulheres são assassinadas principalmente por parceiros ou familiares, diz ONU**. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/internacional/noticias/mulheres-sao-assassinadas-principalmente-por-parceiros-ou-familiares-diz-onu-20111006.html>>. Acesso em: 24 out. 2011.

PROJETO MARIA DA PENHA. **O que muda com a lei**. Disponível em: <<http://www.mariadapenha.org.br/a-lei/o-que-muda-com-a-lei/>>. Acesso em: 05 jun. 2011.

ROSA, Antonio Gomes da et al . A violência conjugal contra a mulher a partir da ótica do homem autor da violência. **Saude soc.**, São Paulo, v. 17, n. 3, set. 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902008000300015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 mar. 2011.

UNIDADE DE PESQUISA EM ÁLCOOL E DROGAS. **1º Levantamento Nacional sobre Padrões de Consumo de Alcool na População Brasileira - 2006**. Ministério da Justiça do Brasil. Disponível em: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Dados_Estatisticos/populacao_brasileira/Padroes_consumo_alcool_populacao_brasileira/327716.pdf>. Acesso em: 11 out. 2011.

UN WOMEN. **Progress of the World's Women**. Disponível em: <<http://progress.unwomen.org/legal-frameworks/>>. Acesso em: 24 out. 2011.